Jornal da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro • Ano XVIII Nº 6 • Novembro - Dezembro 2017

INTERVALO **ANALÍTICO**

SBPRJ em destaque no XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise
Da esquerda para a direita: Ney Marinho, Diretor Científico da FEBRAPSI (entrevistado desta edição); Wania Cidade, Presidente da SBPRJ; Bernard Miodownik, Editor da Revista Trieb e vencedor do prêmio Fábio Leite Lobo pelo "Melhor trabalho na categoria Membro Efetivo".

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Ney Marinho

"Colocar o diálogo Psicanálise e Política visou romper com uma isenção pouco inteligente e hipócrita que, pelo fato de não se falar em política não se estivesse fazendo política, em geral, da pior qualidade."

***Por Mônica Aguiar e Sandra Gonzaga* – página 03**

DIVAGAR É PRECISO

A imigração judaica no Brasil

"Demonstra bem como é a elaboração de um trauma que se repete indefinidamente até que seja possível a assimilação, pela mente do sujeito, por meio de uma saída simbólica."

***Por Bernard Miodownik* página 09**

EM QUE PONTO VOCÊ ESTÁ?

Mariano Horenstein

"Una revista, para valer el esfuerzo colectivo que implica editarla, debe producir movimientos. Si no hay resistencias – lo sabemos desde Freud – es porque no tocamos nada importante."

***Por Lúcia Palazzo e Marina Tavares* – página 11**

ADOECER COM ALZHEIMER

Elaborar perdas e danos

"É como se o paciente precisasse de um ego emprestado."

***Por Douglas Lopes Costa Filho* página 08**

SBPRJ

O olhar da SBPRJ

Fã declarada e um tanto *suspeita* para comentar sobre o conteúdo do Intervalo Analítico – IA, como também para parabenizar os psicanalistas e os colaboradores do nosso periódico.

Suspeita, porém testemunha viva para agradecer à equipe do IA que durante esses anos vem realizando um trabalho comprometido com as ideias psicanalíticas e com responsabilidade social. Vivemos tempos de desconfiança e medo, por conta da crise ética na política e do retrocesso nas conquistas sociais, com consideráveis perdas na esfera da saúde, educação e cultura. Dependendo do lugar que falamos, podemos ou não opinar sobre questões que têm consequências na vida das pessoas. Por isso, é tão importante o espírito democrático, seja em que esfera for, para garantir a inclusão dos que não têm voz.

Sem dúvida, continuarei sob suspeição. Mas, imaginando ser porta-voz de muitos, arrisco a apresentar, com orgulho, neste último número de 2017, matérias construídas com muita dedicação por colunistas e colaboradores. A nossa matéria de capa é em homenagem à SBPRJ – à Wania Cidade, na presidência, ao Ney Marinho, que realizou o XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise – Febrapsi, como Diretor Científico, e ao Bernard Miodownik, editor da Revista *Trieb*, da SBPRJ, que ganhou o prêmio do Congresso na categoria de melhor trabalho de membro efetivo. Em *Divagar é preciso*, Bernard sugere a leitura de livros sobre a imigração judaica no Brasil.

Realizado em novembro, o Congresso foi especial, capitaneado por Ney. Com a sua paixão vibrante presente em tudo o que realiza, tivemos, pela primeira vez, debates sobre Psicanálise e Política, Psicanálise e Cultura e, também, uma mesa sobre nossa Herança Escravagista – triste pedaço da história, com graves consequências em nossa vida cotidiana – entre muitas outras atividades marcadas pela qualidade dos trabalhos. O Congresso foi marcado pela inclusão de muitas vozes, de ricas experiências e pela participação massiva de estudantes universitários. Desfrutem a entrevista emocionada que Ney nos concedeu.

Momento de abertura e com mudanças importantes, temos a coluna *Notícias do Instituto,* com o tema do Simpósio *Trans/Formação*, por Maria Elisa Alvarenga, levantando questões sobre a importância de revisitar conceitos e posturas institucionais. Para o *Espaço dos Membros Provisórios*, Gabriela P. Krebs falando sobre o término da formação. Luiz Fernando Gallego dando continuidade à *Pequena história de paralelismos entre Psicanálise e Cinema*, em seu 8º capítulo, sobre a época de ouro do cinema americano. Contamos ainda com a colaboração de Douglas Lopes C. Filho, discorrendo sobre o *Adoecer com Alzheimer*, experiência de extrema complexidade para o doente e sua família.

Na coluna *Em que ponto você está*, que ressalta o diálogo entre a Psicanálise e a Arte, além de outros campos, recebemos as reflexões do psicanalista argentino Mariano Horenstein, grande amigo da SBPRJ, e editor-chefe da *Revista Calibán*, da Federação Psicanalítica da América Latina – Fepal, até julho de 2017, parceria fértil que rendeu bons frutos e 10 números publicados. *Calibán*, sempre antenada com o espírito do seu tempo, convoca os leitores para os temas *O que não se sabe* e *Intimidade*.

Com o olhar de admiração e dando meu testemunho, agradeço a todos aqueles que pensaram, escreveram, lutaram, sonharam e criaram conosco o nosso desejo: que 2018 chegue com esperança de novos tempos!

"Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas".

"É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade..."
Nise da Silveira

Lúcia Palazzo
Editora

INTERVALO ANALÍTICO
Editora: Lúcia Maria de Almeida Palazzo
Colaboradores do Intervalo Analítico: Eloá Bittencourt Nóbrega, Marina Tavares, Mônica Aguiar, Luiz Fernando Gallego, Sandra Gonzaga e Silva, Tiago Franco, Samantha Nigri e Adriana Lasalvia
Secretária: Celyne Maués / **Projeto Gráfico e Editoração:** Fantastico Studio di Design / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2017-2018
Presidente: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade; **Vice-Presidente:** Viviane Frankenthal; **1º Secretária:** Luciana Carvalho dos Santos; **2ª Secretária:** Eloá Bittencourt Nóbrega; **1º Tesoureira:** Ângela Barbosa Moura; **2ª Tesoureira:** Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos / **Instituto de Ensino e Formação Psicanalítica:** Fernanda de Medeiros Arruda Marinho (Diretora), Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Vice-Diretor), Maria Elisa Alvarenga (Secretária) / **Conselho Científico:** Ana Maria Sabrosa G. C. Nogueira (Diretora), Monica Maria Martins Aguiar (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Haydée Cortes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / **Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria de Fátima Lobo Amim (Diretora), Claudia Fonseca Bernardes (Secretária) / **Departamento de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação:** Sonia Bromberger (Diretora), Margaret Rose C. Waddington Binder (Secretária) / **Departamento de Difusão da Formação Psicanalítica:** Magda Rodrigues Costa (Diretora), Regina Wenkert (Secretária) / **Site:** Maria Lucia Moret de Carvalho

SBPRJ
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

Ney Marinho

O Congresso de Psicanálise realizado neste novembro, em Fortaleza, foi marcado pelos signos da Inclusão e do Pluralismo. Fale-nos da experiência de organizá-lo.

Foi uma experiência maravilhosa ao mesmo tempo que exaustiva. A Diretoria da Febrapsi logo aderiu à proposta de realizar um Congresso pluralista e inclusivo. Percorremos todo o Brasil realizando jornadas, acolhendo e estimulando a participação das diversas correntes que constituem o movimento psicanalítico brasileiro (Freud, Klein, Winnicott, Bion, Lacan e Psicologia do Self). Procuramos propiciar a inclusão de pessoas (estudantes sem recursos, profissionais de diversas áreas) e temas (suicídio, migrações internas e externas, política, religião, diversas artes etc.) frequentemente ausentes de nossos encontros. Essas jornadas, de Fortaleza a Pelotas, do Rio a Brasília, passando por São Paulo, Campinas, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Goiânia e Recife, foram organizadas também no mesmo estilo do planejado para o Congresso: multidisciplinar, atividades clínicas e teóricas, sempre com a participação de representantes de diversas correntes de pensamento psicanalítico.

Ao final, ficamos satisfeitos com o resultado, não só pelo número de participantes, mais de 1.100, como por sua composição. Pela primeira vez ocorre que o número de congressistas não membros da Febrapsi (estudantes universitários, profissionais de várias áreas e mesmo psicanalistas não filiados à IPA) foi maioria. Ainda é uma questão a avaliar se fomos mais felizes com o público externo do que com o interno. Contudo, tal resultado só foi possível graças à forte participação da entidade local – o SPFOR – liderada por sua admirável presidente Regina Esteves, com quem sempre dividi as decisões sobre o Congresso, e o apoio das federadas. Nesses momentos de transição é comum que as direções tomem uma posição mais vanguardista. Afinal, como poderemos discutir mais adiante, embora haja um consenso quanto à importância de uma aproximação das entidades psicanalíticas da cultura e da sociedade brasileira, tal passo pede uma profunda mudança de atitude e sabemos que não é fácil acolher o novo, o desconhecido. Interessante frisar que Virginia Ungar disse algo muito semelhante na mesa de encerramento: "o sucesso ou fracasso desta abertura para o social só depende de nós, em nós estão as maiores resistências a vencer."

Isso nos leva a outro ponto que pode passar despercebido: a horizontalidade. Procuramos realizar um Congresso sem plenárias magistrais e com ampla e simultânea participação dos congressistas em 12 salas, cada uma com a capacidade para 200 pessoas. Da mesma forma, evitamos horários nobres e procuramos manter o que já se tornou uma tradição: a participação dos candidatos como coordenadores de temas livres, assim como presentes em todas as mesas do eixo didático.

Como você avalia a iniciativa da concessão de bolsas, que possibilitou uma expressiva participação de jovens no evento?

Penso que influenciou, mas não tanto pelo número de bolsas, que não chegou a 20, mas pela atitude com que os jovens se identificaram. Eles sentiram nossa sinceridade e disposição em recebê-los. Além das bolsas, procuramos realçar os grupos de trabalho e cursos. Os grupos de trabalho foram uma inovação, oriunda do Congresso anterior, no qual Gustavo Soares, Arnaldo Chuster e Evelise Marra discutiram durante os três dias, livremente, questões do estudo da obra e das contribuições de Bion. Foi um sucesso que me inspirou a esticar para as outras cinco correntes predominantes em nossa Psicanálise. Além disso, para ficarmos apenas no estudo de autores/correntes, veja que havia cursos sobre Ferenczi, Green, Antonino Ferro e Matte-Blanco. Ora, apesar da inscrição ser onerosa, tais cursos – sem

Continua na próxima página

Ney Marinho

Continuação da página anterior

falar nas demais atividades – e os de temas variados, inclusive um especificamente de filosofia, valem a inscrição! Como todos sabem, os Congressos de Psicanálise não recebem patrocínios como os de Psiquiatria, por exemplo, pagando-se apenas pelas inscrições. Entretanto, neste ano recebemos um substancial apoio que representou quase R$ 200.00,00 do SESC do Ceará, que tem uma posição muito semelhante à nossa de apoio à cultura, aos jovens e, em especial, à população carente. Um apoio efetivo, não paternalista, que dou como exemplo o oferecimento nos dias do Congresso de 20 vagas no hotel do SESC de Iparana, com todo o conforto, aos estudantes da UNILAB (nossa Universidade da Lusofonia), que recebe estudantes da África portuguesa e brasileiros, meio a meio. Uma notável experiência de ensino com a qual estabelecemos desde o início uma rica parceria.

Para muitos de nós foi uma experiência comovente ver aqueles jovens, a maioria negra ou parda, com seus penteados típicos, sua vivacidade e curiosidade, participar de um Congresso não acostumado a esse público. Recordo-me de uma cena que me marcou: estava na casa de Paulo Marchon e Maria Lívia e, enquanto no andar de cima ocorria um *Working Party*, com Cassorla, Paulo e outros renomados analistas, na sala de estar Maria Livia e eu conversávamos com cinco jovens que lá ficariam hospedados. A conversa acabou evoluindo de arte e literatura para uma exposição sobre o diálogo Einstein-Freud – Por que a guerra? – atendendo à curiosidade de um estudante de Ciências Políticas e de outro, de História, este de São Tomé e Príncipe (duas pequenas ilhas que constituem um país de onde vieram ancestrais de muitos brasileiros, assim como a arte de processar o açúcar). Os demais eram duas moças de Letras e Pedagogia, e um jovem de Psicologia, de Serra Talhada. Pulsão de morte/Pulsão de vida, pães de queijo, afetividade, hospitalidade, amor, muitos quadros na parede. Tenho a impressão de que eles compreenderam bem a proposta do Congresso. Lamentaram muito terem que perder uma parte das atividades de sábado devido ao voo para Recife e Salvador, de onde os quatro da UNILAB iriam para São Francisco do Conde, Campus dos Malês, o município mais negro do Brasil (90% da população).

"A multidisciplinaridade é irrecusável. A Psicanálise ilumina e se enriquece, uma via de mão dupla. Curiosamente, isso nos remete aos nossos primórdios, às reuniões das quartas-feiras, Freud, em Viena, com intelectuais vindo das mais diversas áreas."
Ney Marinho

A diversidade também esteve presente nos temas discutidos, como atestam, dentre outras, as mesas "Herança Escravagista" e "Psicanálise e Política". Como você vê o diálogo da Psicanálise brasileira com a cultura, nossa história, nosso tempo?

Acho que é um início de conversa, embora seja algo que já vem sendo desenvolvido por meio de iniciativas individuais ou de instituições isoladas. A novidade deste Congresso foi o diálogo se tornar uma opção de política científica e a grande presença de profissionais de outras áreas: filosofia, educação, história, psiquiatria, música, artes plásticas, dança, cinema, tanto no Congresso como nas atividades preparatórias. Espero que indique uma nova etapa no desenvolvimento da Psicanálise brasileira. Havíamos previsto isso a partir do sucesso do I Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa (Lisboa, maio/16). Alguém comentou comigo que depois daquele Congresso seria difícil fazer outro sem a participação de artistas, intelectuais, políticos, profissionais de outras áreas. A multidisciplinaridade é irrecusável. A Psicanálise ilumina e se enriquece, uma via de mão dupla. Curiosamente, isso nos remete aos nossos primórdios, às reuniões das quartas-feiras, Freud, em Viena, com intelectuais vindo das mais diversas áreas. A cultura de Abraham, Ferenczi, Rank não era um ornamento para exibições de salão. Para dar somente dois exemplos: *O mito do nascimento do herói* ou *O duplo* são frutos de uma mente cultivada (Otto Rank), da mesma forma que Riobaldo é um interlocutor trazido por Rosa do sertão, como o Severino do nosso João Cabral.

Por outro lado, vejo este diálogo como consequência natural da nossa maioridade que, a meu ver, ficou manifesta no Febrapsi 50. Não devemos nos envergonhar se atingimos a idade adulta aos 50. Para uma instituição cultural pode até ser precoce. Vamos ter que aprender a ouvir mais e falar melhor. Falar a linguagem do entendimento, da real humildade de quem quer compreender o sofrimento de nosso povo e de nossos tempos – morte e vida, novas configurações – e dialogar. Se nos humilha reconhecer nossa herança escravagista, tal reconhecimento pode ser também nossa libertação. Sem uma reflexão mais profunda, continuaremos presos a essa cruel dialética de senhor e escravo, que todos nós trazemos. O mesmo ocorre com o tema da política. Colocar o diálogo Psicanálise e Política visou romper com uma isenção pouco inteligente e hipócrita que, pelo fato de não se falar em política não se estivesse fazendo política, em geral, da pior qualidade. Para ser mais claro, no Congresso contemplamos temas políticos, como: a drogadição e sua política atual; a luta efetiva pela paz; o papel da consideração (conceito que, na Psicanálise, adquire uma importante radicalidade, haja vista o belo trabalho de Rosa Beatriz Pontes de Miranda, que tive o prazer de apresentar e comentar, juntamente com Franklin Rubinstein) nas relações sociais; temas para os quais a contribuição da Psicanálise é imprescindível, como alertava Jacques Derrida e, em nosso meio, Sergio Paulo Rouanet.

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Em sua fala emocionada na abertura do Congresso, você homenageou Nise da Silveira. Por que a escolha?

A ideia de homenagear Nise da Silveira foi surgindo, conscientemente, nos últimos dias que precederam o Congresso. Atualmente, não tenho dúvidas que já estava dentro de mim (e de outros) muito antes, quando com a concordância dos colegas reservamos uma mesa para a exibição do filme *O Olhar de Nise* e, imediatamente, seguimos para sua discussão. Mantivemos a horizontalidade, mas demos um privilégio que nenhum outro tema teve.

Durante a cerimônia de abertura, o nome de Nise foi crescendo dentro de mim, pois estávamos no Nordeste e tínhamos uma recém-eleita presidente da IPA, Virginia Ungar (a primeira mulher em mais de 100 anos e, além do mais, uma latino-americana!). Com uma proposta de diálogo, nada mais condizente do que homenagear a ordestina, doce e firme defensora dos pobres e dos mais desprotegidos: ainda os doentes mentais, na época, confinados em manicômios; uma de nossas primeiras médicas; presa como comunista, ao lado de Olga Benário, Eneida, Graciliano Ramos, por quase dois anos; criadora do museu do inconsciente; introdutora da terapêutica ocupacional em nosso país; até o final de sua vida, coerente com seus pontos de vista políticos e científicos, enfrentando mais uma ditadura e discriminações, tornando-se um ícone de integridade e coerência. A emoção correu ao falar de Nise. Muitas lembranças foram ocorrendo: Engenho de Dentro, Luiz Cerqueira, eu assistindo o curso de Nise com Fernanda, Franklin, Roberto Quilelli (que me iniciou na praxiterapia) e muitas outras recordações... Os anos 60, tão importantes em nossa história!

"Fiquei impressionado com as pinturas dos esquizofrênicos brasileiros, pois elas apresentam no primeiro plano características habituais da pintura esquizofrênica, mas noutros planos a harmonia das formas e cores que não é habitual na pintura de esquizofrênicos. Como é o ambiente onde esses doentes pintam? Suponho que trabalhem cercados de simpatia e de pessoas que não têm medo do inconsciente."
Carl Jung, sobre as produções dos pacientes de Nise da Silveira

Passada a emoção, veio a grande alegria de declarar aberto o XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise – ou Congresso Nise da Silveira!

Espero que o Congresso tenha honrado sua musa.

Mônica Aguiar
monaguiar@aol.com
Sandra Gonzaga
sagon@globo.com

Nise da Silveira

Terminando a Formação Psicanalítica

O término da Formação Psicanalítica é, talvez, o momento mais aguardado por todos os membros provisórios desde a nossa entrada no Instituto. É um fim e um começo ao mesmo tempo. Terminamos uma fase em que somos alunos e iniciamos a fase de assumir outras responsabilidades e papéis dentro da Sociedade.

A Formação é a porta de entrada para esta que é a nossa casa, a casa da convivência entre pares, da troca de conhecimento, de estudos e desenvolvimento profissional. A casa que nos acolhe e que chamamos de Nossa Sociedade.

Ao longo da minha Formação, como acredito que aconteça com a maioria das pessoas em nosso Instituto, fiz várias amizades. Além dos amigos em nosso Instituto, fiz grandes amigos em outros Institutos, pois durante vários anos fui do Comitê Executivo da IPSO, além de ter sido representante dos membros provisórios de nosso Instituto junto à IPSO. Essa intensa convivência com colegas de outros institutos pelo mundo me fez ter a convicção de que a troca entre pares é parte fundamental na nossa experiência como psicanalistas e como alunos, além de ser extremamente enriquecedora.

Portanto, neste momento de encerramento de um ciclo, que é o final da Formação, de apreensão diante do que está por vir, é reconfortante contar com a ajuda e o acolhimento dos colegas do Instituto que, mais uma vez, mostram a importância de estarmos juntos na vida societária, já que nossa prática cotidiana é tão solitária.

A expectativa envolvida no final da Formação é muito grande. Não é apenas a confecção do relatório final, mas tudo o que essa etapa abrange. São anos de investimento na Formação, investimento que inclui análise, supervisão, seminários, participação em eventos dentro e fora da Sociedade, apresentação de trabalhos e casos clínicos, participação em congressos dos mais variados temas. Certamente, tudo isso continua, mas o último relatório marca uma transição, uma passagem do lado de cá para o lado de lá, e estes momentos são sempre especiais e tensos. Após essa etapa vem um título e um diploma para sublinhar a importância do momento.

A Formação em nossa Sociedade é um período de muita dedicação e aprendizado, e chegar à reta final é motivo de orgulho para todos os que percorrem essa trajetória. Há que se celebrar a conquista por parte do membro provisório e por parte da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, celebrar o novo membro associado que nela ingressa.

Gabriela Pszczol Krebs
gabi.pszczol@gmail.com

NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA – 11 de dezembro de 2017
1) Homologações:
- Qualificação como Membro Efetivo da SBPRJ: **Christina Nicoll Simões Cavallari**;
- Qualificação como Psicanalista pelo Instituto da SBPRJ e como Membro Associado da SBPRJ: **Gabriela Pszczol Krebs** e **Renata Martinelli Duarte**.

LANÇAMENTO – 04 de agosto de 2017
A Editora Appris lançou o livro **As principais tensões psicológicas presentes na prática assistencial hospitalar**, do psicanalista Decio Tenenbaum.

Trans/Formação

Se a subjetividade dos tempos primeiros da Psicanálise emanava de uma sociedade repressora, geradora de recalque e culpa, forjando neuróticos, hoje ela se sustenta numa sociedade organizada em torno do consumo sem freios, quereres voláteis, na hipervalorização da imagem, no imperativo do gozo em que não há renúncia possível. Em tempos da vivência do efêmero e do descartável, em que os laços afetivos são desfeitos frente a menor ameaça de sofrimento, em que a angústia e a tristeza não têm lugar, em que o uso de antidepressivos é banalizado, os sujeitos desejantes, marcados pela falta, cedem lugar aos sujeitos para quem a vivência da falta precisa ser a todo custo evitada. A necessidade contínua de objetos que funcionam como próteses acaba por impedir o sujeito que ele saiba de seu desejo, levando-o a colocar-se no lugar do não ser.

Com isso, a clínica da abstinência, do inconsciente recalcado, das associações livres e do analista silencioso, "neutro", tem se mostrado cada vez menos frequente. O que temos encontrado na clínica são pacientes que precisam de um analista vivo, que não se apague, e que tenha a coragem de sair de si e encontrar o seu paciente onde ele estiver.

A capacidade interrogativa de Freud fez com que ele pudesse revisar a sua obra até o fim de sua vida. Ele tinha a clareza de que sua obra jamais estaria acabada e demandaria permanentes revisões e avanços, de modo a não ficar engessada e morrer.

A criação de espaços e atividades onde possamos pensar e colocar em questão a prática psicanalítica e seu ensino, além de funcionar como reserva psíquica para o analista (Figueiredo), contribui decisivamente para a ampliação do debate e do fazer analítico.

É com esse espírito de interesse pelo intercâmbio de ideias, reflexão e consequente aperfeiçoamento do ensino em Psicanálise que realizamos o simpósio anual do Instituto, desta vez com o tema Trans/Formação. Este ano, em diferente formato, os subtemas dinheiro, sexualidade e frequência das sessões são disparados por membros provisórios e, em sequência, discutidos em pequenos grupos. Freud nos deixou como legado uma obra em aberto. O tema Trans/Formação é uma convocação. A chegada de novos tempos exige de nós, psicanalistas, novas reflexões e coragem para percorrermos novos caminhos, aventurando-nos em concepções inovadoras e buscando a cada ocasião romper com os rígidos esquemas preestabelecidos e, com isso, nos forçarmos a sair da nossa zona de conforto. Trans/Formação é sobre nos indagarmos sobre o que há de opaco nas modalidades instituídas de escuta psicanalítica, inclusive e sobretudo nos institutos de formação psicanalítica.

Para terminar, um pouco de Heráclito na veia. "Nada é permanente, exceto as mudanças".

Maria Elisa Alvarenga
m.elisaalvarenga@gmail.com

***Waterfall*, de M. C. Escher, 1961**

Pensar, sentir, falar
Elaborar perdas e danos

Cerca de 1/4 da população maior de 80 anos de idade poderá adoeçer com Alzheimer. O sujeito na sua singularidade, constituído pela pulsão narcísica e de mecanismos de defesa interna, vai se relacionar com os outros na sociedade e cultura. Assim, se forma a personalidade e a maneira de viver e adoecer. Algumas pessoas de caráter mais impulsivo, agressivo, pouco tolerantes às frustações, poderão desenvolver atitudes agressivas com mais frequência. Não estando na plenitude de sua capacidade mediadora interna, "senso critico", por conta dos danos neurológicos e psicológicos, esses pacientes não darão respostas adequadas às diversas solicitações demandadas. No Alzheimer, uma proteína chamada beta-amiloide vai destruindo os neurônios de modo lento e contínuo, provocando danos nas atividades cerebrais. O hipocampo é a primeira região do cérebro a ser atingida. No entanto, existem algumas partes do sistema nervoso que se mantêm ainda íntegras. É essa parte da consciência do sujeito funcionante, danificada, que vai provocar angústia. O paciente percebe que, paulatinamente, vai perdendo o senso da razão, as falhas de memória, o não-reconhecimento de pessoas e objetos. Atitudes agressivas e comportamentos inadequados devem ser entendidos dentro desse contexto. Ideias paranoicas, como acusaçoes de "você está me roubando", representariam o medo do enfermo devido à sua consciência, que já não possui todos os mecanismos emocionais necessários para se defender de eventuais "maldades e agressões". Daí, talvez, a desconfiança e o medo de serem agredidos e a sensação de que "está sendo roubado". Na realidade, na fragilidade em que se encontra, poderia ser mesmo roubado, agredido, maltratado. A segurança que as pessoas que o amam irão protegê-lo irá trazer mais segurança. Na verdade, a vida realmente lhe roubou, por meio da doença, sua integridade do pensar, fazer, sentir e reconhecer.

O paciente pode ter um desejo de abrir a porta da sua casa e ir para a rua. Isso pode representar um não reconhecimento; aquela casa que, concretamente, é sua já não é mais. É um estranhamento de si próprio, no sentido de que seu mundo interno que funcionava de uma forma já não é o mesmo. Então, eu já não sou o mesmo, sou um outro. Realmente, ele perdeu sua "casa" original, que não poderá mais ser resgatada devido aos danos produzidos em seu cérebro pelo Alzheimer. Mas repete: quero ir para minha casa. Desorientação quanto a si próprio e quanto ao tempo e espaço.

A sexualidade pode se manifestar de forma acentuada. Percebendo que a doença o acometeu de forma progressiva e que caminha para a morte, tentará lidar com essa angústia vivendo com toda intensidade o prazer que o afeto e o sexo proporciona. Anteposição vida/morte, prazer/desprazer. Representada pela frase "Como não será para sempre, que eu viva agora com a maior intensidade todo prazer que eu possa". Desejo de prazer para si e para o outro, na tentativa de atenuar a angústia da morte. A sexualidade poderá se tornar também fonte de medo e temor paranoico, de abuso sexual do parceiro. A fantasia seria que o seu parceiro, visando seu gozo, estaria se aproveitando da fraqueza do paciente. Uma situação bem regredida de uma pessoa adulta se comportando como uma criança em situação de desigualdade psicológica. O sentimento é que foi abusada e isso vai causar repulsa e defesa contra os impulsos sexuais, que agora estarão reprimidos. A necessidade de se estabelecer uma rotina diária faz com que as pessoas coloquem limites excessivos, como se esses pacientes pudessem entender bem o que são esses limites. Há de se ter uma certa flexibilidade. Comer, tomar banho, levar para passear serão tarefas, na maioria das vezes, complexas. O confronto não é uma boa solução.

O maior remédio, além dos paliativos, que visam atenuar o sofrimento dos pacientes, é, sem dúvida, o amor profundo àquele que adoeceu. É o amor que vai dar mais tranquilidade e segurança e atenuar o sofrimento. É como se o paciente precisasse de um ego emprestado. A capacidade de poder tentar estar no lugar do outro adoecido (empatia) ajuda a compreender as situações e a contemporizar o que pode ser contemporizado e ser firme no que necessita de firmeza. Neste momento, a família tende a se desestruturar e é importante mantê-la com a maior estrutura possível. A "tragédia e devastação" não pede permissão para entrar. Ela entra. Há de se ter coesão e equilíbrio para enfrentá-la. O enfermo não pode dar conta de si próprio. Muitas decepções a família e o doente sentirão. Alguns familiares, amigos, até então tidos como referências, poderão se afastar. Talvez por não se sentirem em condições internas para lidarem com o excesso de demanda que a doença produz. Os serviços hospitalares se mostrarão mal preparados para receberem esses pacientes. Isso é um desafio. Um desafio de amor e ações.

Douglas Lopes Costa Filho
dougcost47@hotmail.com

Detalhe de *Alzheimer's Daughter*, foto de Maggie Zulovic, 2014

A imigração judaica no Brasil

A imigração judaica em nosso país – e seus reflexos até os dias atuais – é um tema pouco presente na literatura brasileira, apesar de ter como autor exponencial um dos grandes das nossas letras, Moacyr Scliar. Uma nova geração de escritores vem preenchendo essa lacuna, abordando questões semelhantes às que os autores norte-americanos, como Philip Roth, Saul Bellow e Woody Allen, têm levantado em suas obras: a manutenção da identidade dentro de um grupo fechado em contraposição a um cosmopolitismo mundano; uma cultura mais repressiva diante de uma ampla liberação sexual; a religiosidade e a relativização deste valor pelas gerações recentes; a onipresença do Holocausto.

Entre os novos autores, destaco Michel Laub. Conterrâneo de Scliar, jornalista e autor de vários romances, Laub publicou *Diário da queda*, em 2011. A história se passa em Porto Alegre e intercala a relação conflituosa entre o personagem principal – aluno do ensino médio de um colégio judaico – e sua família, com a relação com outro aluno bolsista não judeu, admoestado constantemente pela turma, na qual era o perseguido e o excluído. A revelação da agressividade de um grupo que geralmente se encontra no papel do agredido é o aspecto original do romance.

Na história, há um momento traumático – *a queda*, do título do livro – que percorre a narrativa ao longo de todo o livro. Demonstra bem como é a elaboração de um trauma que se repete indefinidamente até que seja possível a assimilação, pela mente do sujeito, por meio de uma saída simbólica.

Já o carioca Flávio Izhaki publicou o surpreendente *Amanhã não tem ninguém*, seu segundo romance, em 2013. Com grande sensibilidade e um quase permanente tom melancólico de fundo, os conflitos de quatro gerações de uma família judaica se revezam na narrativa. Aqui, é o sentimento de culpa vivido por um dos membros da família que mostra como algo não elaborado permanece como uma sombra que ultrapassa o próprio sujeito e até gerações.

Bernard Miodownik
betchkov@uol.com.br

Título:
Amanhã não tem ninguém
Autor:
Flávio Izhaki
Editora:
Rocco

Título:
Diário da Queda
Autor:
Michel Laub
Editora:
Companhia Das Letras

Pequena história de paralelismos entre o Cinema e a Psicanálise

8º capítulo: época de ouro do cinema americano

No capítulo anterior, mencionamos o período da "Grande Depressão" dos anos 1930, após a quebra da bolsa de NY, quando o cinema americano sonoro teve sua "época de ouro". As características daqueles filmes atendem ao que já descrevemos num dos primeiros capítulos desta série como "cinema clássico", de narrativa linear e transparente.

Os filmes eram escapistas em sua maior parte: musicais, comédias, filmes românticos e de aventuras. Mas também surgiram obras clássicas que despertam interesse até hoje. Impossível fazer uma lista – sempre ficarão de fora títulos marcantes.

Cabe assinalar que mesmo comédias ou filmes de ação podiam transcender o comum das produções da época. Basta citar filmes de Charles Chaplin ("Tempos Modernos", de 1936, e "Luzes da Cidade", de 1931) ou um *western*, de John Ford: "No Tempo das Diligências", de 1939, flagrantemente calcado no conto "Bola de Sebo", de Maupassant. Ford também dirigiria um drama social que retrata o período da depressão econômica, "Vinhas da Ira", lançado em 1940.

Os exemplares mais dramáticos abordam personagens sob um ângulo psicológico que – diríamos – estão mais ligados à psicologia consciente do que ao inconsciente. Uma influência mais evidente da Psicanálise nos enredos só vai surgir no pós-guerra em obras de diretores europeus que migraram para os Estados Unidos, como Alfred Hitchcock e Fritz Lang.

Cena do filme "Tempos Modernos" (1936), de Charles Chaplin

Mesmo assim, alguns dramas mais ambiciosos abordam situações sociais e psicológicas menos esquemáticas, por exemplo, em filmes do diretor William Wyler: a mentira de uma criança sobre a vida amorosa de suas professoras ("Infâmia", versão de 1936, que teve que trocar a calúnia sobre lesbianismo da peça teatral original pela alusão a um triângulo sexual entre as duas mestras e o noivo de uma delas – daí o título original *"These Three"*); uma paixão abissal que ignora e transcende classes sociais ("O Morro dos Ventos Uivantes", 1939); uma mescla de voracidade capitalista selvagem no seio de uma família predatória com distorções de caráter ("Pérfida", 1941, título original *"The Little Foxes"*). Para não falarmos no título brasileiro que evidencia uma situação edipiana de pai e filho apaixonados pela mesma mulher: "Meu filho é meu rival" (*"Come and get it"*, 1936), ainda que numa abordagem bem ligeira, codirigido por Howard Hawks.

Enquanto isso, na França, outro grande nome do Cinema, Jean Renoir, filho do pintor Pierre Renoir, lançaria dois filmes clássicos no melhor sentido do termo: "A Grande Ilusão" (1937) e "A Regra do Jogo" (1939). No primeiro, a ilusão pacifista pós-Primeira Guerra; no segundo, a hipocrisia da alta burguesia. Menos presos a códigos de autocensura que passaram a dominar os filmes americanos a partir de 1934 (o "Código Hays"), os filmes franceses podiam ser mais ousados, como em "A Cadela", que o mesmo Jean Renoir dirigiu em 1931, assim como em "A Besta Humana", de 1938. Mas também nesses filmes franceses a psicologia dos personagens atende mais a uma descrição naturalista, tal como na obra original que deu origem a este último mencionado, escrita por Émile Zola.

Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com

Mariano Horenstein

Psicanalista. Membro Titular em Função Didática da Asociación Psicoanalítica de Córdoba. Dirigiu a revista Docta e foi editor de Calibán – Revista Latino-Americana de Psicanálise. Recebeu os prêmios: M. Bergwerk, Luicien Freud e Elise M. Hayman Award for the study of the Holocaust and Genocide.

A versão em português da entrevista pode ser lida no site www.sbprj.org.br

Em que ponto você está?
Espero no estar, al momento de que esta entrevista sea leída, en el mismo punto en que estoy mientras la respondo. Me interesa la idea del viaje, tanto en relación a la vida como al Psicoanálisis. Si estoy en un punto, se trata de un punto en medio de un viaje. Viajar es un antídoto perfecto para las enfermedades profesionales del analista, viajar permite extranjerizarse, hacerse vulnerable y receptivo. Me interesa el lugar del viajero, que es distinto al del simple turista y también al de quien se traslada para colonizar o conquistar. Eso me interesa ahora, viajar: por los discursos, por las geografías.

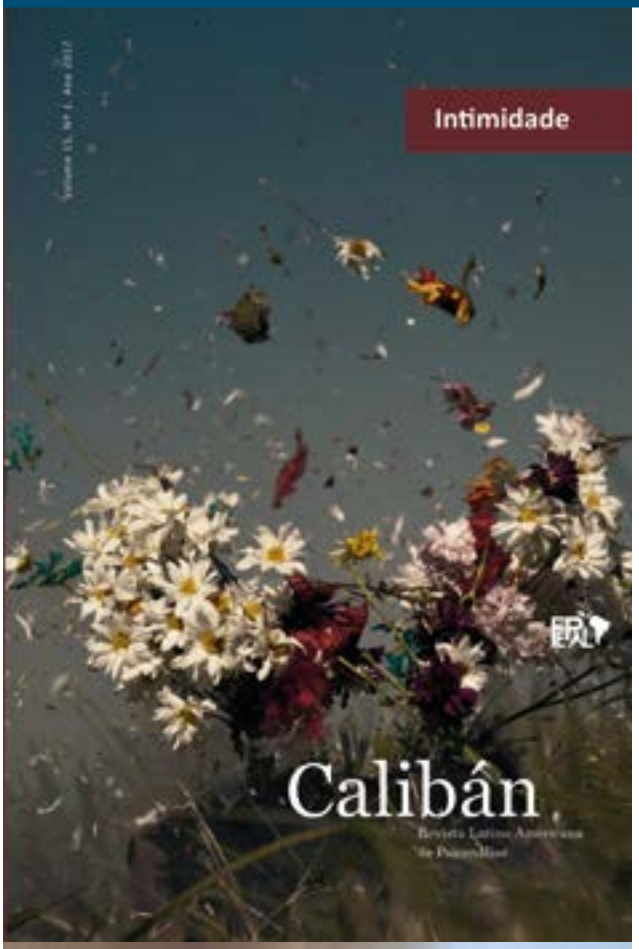
Ao participar da criação da Calibán, revista latino-americana de Psicanálise da Fepal, imaginamos que tenha concretizado mais do que um projeto editorial de sucesso, com 10 edições ao longo de 6 anos. Foi a realização de um sonho poder reunir a Psicanálise desse nosso lado do Equador num mesmo espaço/tempo/línguas?
Trabajé como editor durante 14 años, y en las dos publicaciones que dirigí he jugado mucho de mi deseo. Pero si hay un sueño realizado – al modo en que se realizan los deseos en los sueños – más que haber participado en la creación de esas publicaciones – a fin de cuentas, siempre un asunto narcisista – es verlas crecer sin mí. Me gusta ver esos proyectos editoriales caminando, a cargo de otros – muchos de ellos invalorables amigos cariocas sin los cuales Calibán no sería lo que es – aportándole cada uno su diferencia. Y no ser yo quien los conduzca, eso me enorgullece de verdad.
Calibán es un punto de encuentro de los psicoanalistas latinoamericanos, de nuestras geografías y lenguas. Pero encuentro también en el sentido que tiene esa palabra en psicoanálisis, donde remite siempre a un desencuentro, a un desajuste estructural, una diferencia irreductible. Calibán es un punto de encuentro pero también un espacio donde se hacen evidentes las diferencias de nuestra comunidad psicoanalítica para pensar nuestra práctica. Y esas diferencias deben ser respetadas y puestas a trabajar.

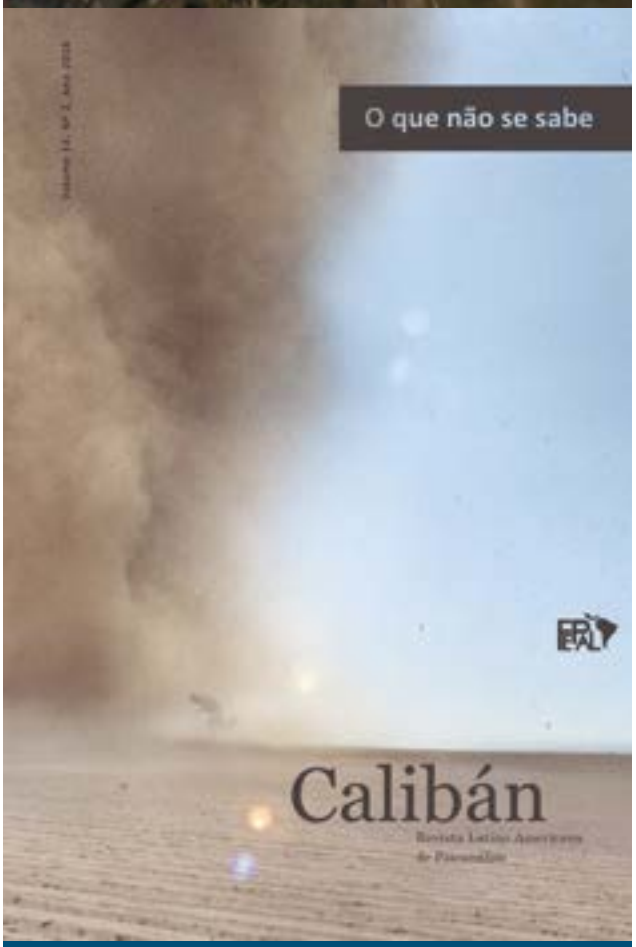
Por falar em sonhos... "O sonho nosso de cada dia" é, sem dúvida, uma expressão estética, a mais expressiva, do inconsciente. Seria por aí (trilhando sonhos) que analistas e artistas se "encontram" e se "assemelham" nas suas produções artísticas e analíticas? Ou dizendo de outra forma: a coluna vem entrevistando os vários campos das artes e é por isso que queremos encerrar o ano com a Psicanálise... O que acha dessa inclusão da Psicanálise no campo das artes?
Los artistas no solo van delante de los psicoanalistas, sino que además llegan más lejos que nosotros. Soportan – aquellos artistas verdaderos – el encuentro con una materia incandescente, con algo a la vez real e insoportable, y también verdadero e imprescindible. Y pagan un precio por ello. Creo que los artistas son la avanzada de la especie humana. Y sería necio para un psicoanalista – que trabaja también con lo más verdadero de la subjetividad – renunciar a los descubrimientos de esos exploradores del abismo.
Freud y Lacan ambicionaron para el Psicoanálisis un estatuto científico. Ambos a la vez reconocieron su carácter particular, ajeno a los patrones habituales de lo que se entiende por ciencia. Una ciencia de lo singular no es mal modo de definir nuestra práctica, pero a la vez es un oxímoron, pues la ciencia precisa de generalizaciones. Entiendo que el Psicoanálisis tiene muchos puntos de encuentro con el arte contemporáneo, algunas de sus marcas -la extranjería y el anacronismo, la extraterritorialidad y la singularidad, el mestizaje y la narratividad, etc.- son compartidas. Pero un psicoanalista no es un artista, no corre los mismos riesgos, sino otros. En todo caso nuestra práctica tiene mucho de artesanal, y uno podría pensar la artesanía como un arte menor. No me disgustaría para nada que el psicoanálisis estuviera en el campo de las artes, pero la nuestra también es una profesión burguesa, en la tradición de las artes liberales, y eso – entre otras cosas – nos diferencia. Sin embargo, la interlocución con el arte contemporáneo, con la literatura, con discursos alejados y a la vez cercanos al nuestro, funcionan – para mí al menos – como antídoto contra la modorra del pensamiento que la práctica de toda profesión acarrea.

Você chegou a dizer em uma de suas conferências que os analistas tinham muito o que aprender com a arte contemporânea. De fato, a revista oferece grande espaço para entrevistas e obras de artistas. Desenvolva o seu pensamento para nós...
El Psicoanálisis implica un movimiento paradojal: por un lado entraña una extrema especificidad en sus lecturas teóricas y en la clínica que produce. A la vez, esa singularidad se complementa con una apertura a la fertilización de otros discursos, sean éstos los de la ciencia o la literatura, la filosofía o el saber popular, la religión o la política. En ese movimiento paradojal de apertura y cierre, de mestizaje y precisión, se concentra la potencia del Psicoanálisis. Creo que los desarrollos analíticos demasiado centrados en sí mismos acaban en la repetición y la entropía. Salvo que aparezcan autores que, como Lacan o Bion, subvierten todo. Pero no es casual que esos autores abreven en discursos ajenos al nuestro para formular sus teorías.. Nuestra disciplina – como toda profesión – es conservadora, el arte en cambio toma riesgos y valora las vanguardias. Ver arte, escuchar a los artistas, nos lleva más lejos y además con mayor economía de recursos: años atrás, recién llegado de un congreso donde trabajosamente los analistas latinoamericanos debatíamos sobre realidades y ficciones, vi aquí una muestra en Casa Daros. Allí estaba todo dicho, de un modo más potente y a la vez más destilado y poroso, fértil. Al hablarnos de lo que no sabemos (aún) los artistas nos llevan a un terreno inexplorado, donde aparecen no solo respuestas, sino sobre todo nuevas preguntas.

Continua na próxima página

Mariano Horenstein





Números 9 e 10 da Calibán – Revista Latino-Americana de Psicanálise

Continuação da página anterior

Sabemos que as revistas de cultura psicanalíticas têm por objetivo a difusão da Psicanálise. Não visam obter lucro financeiro, porém sempre enfrentam resistência institucional, *"verdad"*?

No me gusta diferenciar – en Psicoanálisis – entre revistas científicas y de cultura. Creo que considerar la "cultura" como ornamental, una extensión de un Psicoanálisis que encontraría en otras publicaciones, "científicas", el espacio adecuado para su discusión pura y dura, no le hace justicia a la particular disciplina que practicamos. Muchas veces hay más material para discutir científicamente al apartarnos de bibliografías trajinadas y contraseñas de pertenencia, cuando nos acercamos a las fronteras de nuestro campo. Calibán es un modelo de publicación que intenta resolver, ojalá lo logre, esa aparente antinomia entre dos tipos de publicaciones, que recorre la historia del movimiento psicoanalítico desde sus comienzos.

Una revista, para valer el esfuerzo colectivo que implica editarla, debe producir movimientos. Si no hay resistencias – lo sabemos desde Freud – es porque no tocamos nada importante. Una revista como Calibán, creo, intenta ir más allá de nuestras limitaciones, más allá de nuestros consensos y comodidades, más allá incluso de nuestros ideales institucionales. No siempre lo logra, pero lo intenta. Claro que eso genera resistencias, y está bien que así sea. Creo que, al igual que en un análisis, cuando se cuestionan en demasía aspectos como los económicos, hay que buscar en otro lado las reales motivaciones, los puntos que son tocados por una revista atípica en una comunidad analítica bastante conservadora. Las principales resistencias, creo, son ideológicas, y ligadas al modo en que se piensa al Psicoanálisis, a su clínica y sus teorías, a sus instituciones. De todos modos, Calibán y otros proyectos editoriales siguen existiendo en el seno de las mismas instituciones que también las resisten. Y eso habla muy bien de nuestras sociedades; eso no es común de ver en otras instituciones analíticas: somos mucho más tolerantes incluso frente a lo que nos cuestiona.

Pode nos contar sobre o livro que está escrevendo? E o livro lançado em 2015, *Psicoanálisis en lengua menor*?

Al haberme alejado de la gestión editorial, he recuperado un tiempo que me permite retomar proyectos de escritura. A principios del año próximo aparecerá en inglés un libro llamado *"The compass and the couch"*. Terminé también un libro sobre jóvenes, en particular en su relación al riesgo, y trabajo también un un libro sobre la interpretación psicoanalítica. "Psicoanálisis en lengua menor" es un libro que hilvana algunas conferencias que he dado en las que me he beneficiado mucho de la interlocución con psicoanalistas, artistas e intelectuales en distintas ciudades latinoamericanas. Es una especie de bitácora donde están presentes muchos de mis intereses, y a la vez una cantera de la que intento extraer algo de material para otros proyectos.

Em que ponto está a Psicanálise nos tempos atuais? Como enfrentar os desafios da clínica e da cultura?

Más de un siglo después, la diversidad teórica y las ampliaciones de la clínica son notables. A la vez, el espacio clínico y público se encuentra en disputa. No solo entre psicoanalistas y otras corrientes que desconocen al sujeto tal como nosotros lo concebimos, sino entre distintas instituciones psicoanalíticas, con estilos y estrategias diferentes. No creo que – en Latinoamérica al menos – haya menos interés en el psicoanálisis, como suele decirse, solo que ese interés es disputado por más jugadores, en una época que cambia vertiginosamente. El destino de las transferencias es lo que cuenta. Y este tiempo puede ser una bisagra para el Psicoanálisis, y lo que hagamos – o no – los psicoanalistas y nuestras instituciones será decisivo: o languidecemos y envejecemos encerrados recordando viejas glorias, en un narcisismo autocomplaciente, o nos ponemos realmente a la altura de esta época, aprovechando la potencia de nuestra clínica que, aún siendo anacrónica – o por eso mismo – tiene mucho que decir hoy en día.

Lúcia Palazzo
luciampalazzo@gmail.com
Marina Tavares
marinatavares@terra.com.br